



...n fuge de

...trabalho
...ísticas es-
...s por dia,
...ormir fora
...entanto,
...gnificati-
...rça de tra-
...acteristi-
...elações de
...a presen-
...crata. Do-
...nome "Be-
...fa era con-

...ira (nome
...11 anos e
...uz, enviou
...Francisco
...itando sua
...de auxiliar
...cometidos
...querimen-
...ndonado o
...mento dos

MARCELO CASTRO MARX / EPWAZ / JORNAL

costumes, formando "partidos" (leia-se bandos) e cometendo roubos. O intendente recomendou ao imperador d. Pedro I recusar o pedido, alegando que os chineses estavam suficientemente habituados ao país e não precisavam portanto de tratamento diferenciado: "Procedimentos errados deveriam ser tratados nos moldes da lei", afirmou.

Percebe-se, na análise do documento, que os primeiros chineses do Brasil não constituíam um grupo homogêneo. O próprio João Antônio Moreira, considerado chinês, deveria pertencer a um determinado partido, pois denunciava os "abusos" de seus compatriotas que se organizavam em três grupos ou "partidos" denominados Cantão, Macau e Chá. O tempo passou e com ele algumas diferenças se dissiparam. O rígido controle da Coroa não impediu que em 1825 alguns chineses conseguissem licenças para mascatear na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades do sudeste brasileiro. Sobre isso, fontes históricas registram que durante o século XIX o território brasilei-

ro foi palco de muitas experiências similares com trabalhadores livres estrangeiros. Nestes contingentes se encontravam também chineses, que a partir do decênio de 1833 se fixaram em vários pontos do país, particularmente o interior dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

Quanto ao cultivo do chá, o sonho tão acalentado por d. João VI, virou frustração. Frei Leandro, primeiro diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em sua obra *Memória econômica sobre o cultivo e preparo do chá* (1825), reclama do despreparo dos agricultores brasileiros no cultivo da planta. Por este motivo, o chá não se disseminou no Brasil e na colônia chinesa de Santa Cruz malogrou. Em vez do chá, a economia preferiu o café, que continuou sendo produzido, exportado, acumulando e reproduzindo a riqueza das elites "nobiárquicas" brasileiras. O fato é que o chá chinês deixou de ser produzido no Brasil e passou a ser importado da Inglaterra.

Na análise de Maria Graham, os custos do investimento para o cultivo de chá eram muito elevados pa-

Vítimas do preconceito e de uma opressão quase escravocrata, muitos chineses fugiram da lavoura de Santa Cruz, formando bandos e cometendo roubos



Para saber mais

ENDER, Thomas. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender* (1817-1818). Petrópolis, RJ: Kapa Editora, 2000.

FREITAS, Benedicto. *Santa Cruz: fazenda jesuítica, real, imperial. Vol. II. Vice-reis e reinado (1760-1821)*. Rio de Janeiro, 1987.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor e Caramond, 1999.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

Chineses cultivando chá no Jardim Botânico, segundo desenho de Rugendas: o produto não resistiu à concorrência do café

